

UHURU*

Alexandre Santos Lobão

(061) 3326.5645 / aslobao@hotmail.com

***UHURU** : LIBERDADE EM SWAHILI, UMA DAS LÍNGUAS DOS BANTOS

EXTERNA - FLORESTA FECHADA - MINAS GERAIS, 1997

Floresta fechada. Pássaros cantam e macacos fazem ruídos nas árvores. A tranqüilidade é quebrada por um facão que aparece, abrindo passagem entre cipós e arbustos. Um caboclo, vestido de maneira simples, aparece abrindo caminho e parando ao atingir uma clareira. Ele olha para frente e passa a mão na testa suada. Pelo buraco aberto na folhagem vêm dois homens (arqueólogos), um negro de cerca de quarenta anos de idade e um branco de no máximo trinta, vestidos com roupas leves mas alinhadas, e chapéus para proteger do sol. Eles param atrás do caboclo e o negro se adianta:

NELSON

- Falta muito, MANOEL? Este calor está nos matando!

MANOEL

- Não senhor. Logo depois daquela árvore grande chegamos lá.

Nelson olha com desalento para a árvore apontada e puxa um lenço do bolso, enxugando o rosto, bebe um gole de água do cantil. DO SEU PONTO DE VISTA, vemos a floresta à sua volta, incluindo a trilha de onde vieram e uma cachoeira parcialmente visível por entre as folhagens. Nelson olha para o outro arqueólogo, faz um sinal com a cabeça para continuarem e começa a seguir Manoel, o guia, que já reiniciou a caminhada. RICARDO, o outro arqueólogo, dá um suspiro e os segue.

EXTERNA: UMA ALDEIA DE CASAS FEITAS DE MADEIRA E PALHA, BASTANTE ANTIGA

Manoel sai da mata e espera os arqueólogos. Nelson pára na orla da floresta, olhando incredulamente para as palhoças à sua frente, de forma que Ricardo vem andando por trás e vai de encontro a ele. Ricardo inicia uma tentativa de reclamação, porém para e também fica extasiado com a visão da aldeia.

RICARDO

- Meu Deus!

Nelson parece voltar a si com a exclamação de Ricardo, dando mais alguns passos e ficando ao lado de Manoel.

NELSON

- Manoel, quando foi que você descobriu esta aldeia?

MANOEL

- *Óia*, faz tempo que o povo daqui não vem para estas bandas, eles diziam que aqui tem espíritos ruim, de forma que nesta parte da floresta nunca veio ninguém. Só que no fim do ano passado o doutor Caldeira me pediu que desse uma olhada nesta parte perto da cachoeira, *pra móde que* ele soubesse se *num* tinha ninguém invadindo as terra dele. E quando eu vim *presse* lado eu bati os *oio* nestas *barraquinha*. Logo eu *apercebi* que era coisa velha, que *num* morava mais ninguém por aqui. Aí eu contei *pro* doutor Caldeira.

NELSON

- E mais alguém veio aqui?

MANOEL

- Só os *home* da Funai, porque eu falei que tinha coisa de índio aqui. Veio um doutor, olhou tudo, disse que isso não era com ele e foi embora. Isso foi lá pra março. Depois dele, só *ôceis* mesmo.

NELSON

(virando para Ricardo)

- Meu Deus, Ricardo, isso é demais! Tudo indica que aqui existiu um pequeno Quilombo, que nunca foi descoberto! Já imaginou a preciosidade do material que podemos encontrar aqui?

RICARDO

(sorrindo)

- Sem falar nos ganhos acessórios em fundos para pesquisa!...

NELSON

- Esqueça o dinheiro. Isso aqui eu faço de graça!

Nelson se aproxima da primeira casa, feita de madeira com teto de palha bastante destruído.

INTERNA: DENTRO DA CASA

Nelson olha utensílios na parede e no chão: lanças, arco-e-flecha, panelas de barro inteiras e quebradas, algemas de ferro utilizadas por escravos. Ele caminha até um canto e se abaixa, pegando um pequeno cavalo esculpido em madeira. Segura o cavalo e o olha em diversos ângulos, enquanto sorri, mostrando seus dentes alvos em contraste com o escuro da pele. Ricardo aparece à porta.

RICARDO

- Encontrou alguma coisa?

NELSON

- Um cavalo de brinquedo. Fico pensando em quem viveu aqui. O que será que pensavam? Como viviam?

RICARDO

(não parecendo muito interessado no que Nelson fala)

- Bom, vou olhar as outras cabanas.

Nelson olha novamente para o cavalinho e sorri, enquanto procura detalhes na pequena escultura. A imagem se aproxima lentamente até enquadrar apenas a mão de Nelson, ainda segurando a pequena escultura de cavalo. Sua mão negra é substituída pela imagem de outra mão, também negra porém mais jovem, segurando um cavalo bastante parecido, e a visão se abre até mostrar um jovem pré-adolescente negro, vestido em trajes da tribo dos Bantos, na África do século dezoito.

INTERNA: INTERIOR DE UMA CASA DOS BANTOS, NA ÁFRICA DO SÉCULO DEZOITO.

O jovem negro olha para o cavalinho e sorri, começando a balançá-lo na mão como simulando um trotar. Na porta da casa, aparece um negro alto e forte, carregando dois arcos e vestido como guerreiro. O negro sorri e se dirige ao menino.

PAI

- Achei que meu filho já estava na idade de ir caçar comigo, uma vez que na próxima semana irá participar da boxwêra¹. Mas vejo que vou ter que deixá-lo em casa, com seus brinquedos!

MUZAMBA

(rindo e soltando o cavalo no chão)

- Oi, pai! Já estou pronto. Estava só pensando no que vamos caçar. Vamos enfrentar Jakar, o tigre?

PAI

- Espero que não! Mas caso ele apareça, sua pele vai dar bonitas roupas para todos!

MUZAMBA

- Então vamos logo!

Muzamba se levanta e se aproxima do pai, pegando o arco. O pai coloca a mão em seu ombro e eles saem da casa.

EXTERNA: VISÃO DA ALDEIA COMPLETA

Enquanto mulheres utilizam pilões para fazer farinha e crianças correm de um lado para outro, Muzamba e seu pai caminham para fora da aldeia. Todos os cumprimentam quando eles passam, ao que pai e filho respondem sempre com um sorriso e um aceno. Uma mulher se aproxima de Muzamba e entrega a ele um colar com pedras e pedaços de madeira pintados.

MULHER (INYANGA² DA TRIBO)

- Este colar vai proteger Muzamba. O espírito do pássaro estará com você sempre que você precisar.

MUZAMBA

(abaixa a cabeça para receber o colar e sorri respeitoso)

- Obrigado, grande inyanga. Aceito com orgulho seu presente.

O pai de Muzamba sorri para a inyanga, agradecendo também o presente. Eles continuam a caminhar até sair da aldeia, e o pai aponta para uma colina. Eles vão caminhando e gesticulando.

¹ cerimônia de maioridade dos bantos, após a circunsição, de acordo com o estudioso A. Winifred Hoernlé

² Feiticeiro ou feiticeira nas tribos dos Bantos, de acordo com os estudiosos W.M. Eiselen e I. Schapera

EXTERNA: PLANÍCIE AFRICANA

De cima de um monte, o pai de Muzamba abre os braços para o céu e dá um longo grito de guerra. Muzamba fica ao seu lado e também eleva os braços e grita. Eles sorriem um para o outro e o pai de Muzamba coloca um dos braços em seu ombro, enquanto com o outro faz um gesto amplo mostrando a planície.

PAI

- Muzamba, este é o reino que Tilo³ deixou para nós. O sol que nos aquece, a água para bebermos, as frutas e a caça para nos alimentarmos. Tilo deixou o homem escrever seu destino com seu próprio braço e seu coração, devemos respeitar tudo que ele criou.

Muzamba olha para o céu e vê um gavião que voa, tranqüilo, e depois desce de uma vez e pega um animal no chão. O pássaro voa para longe com sua casa, enquanto o pai de Muzamba faz um sinal para que eles continuem a caminhada. Após caminhar mais um pouco, Muzamba e seu pai são surpreendidos por um urro de leão, que vem de dentro de uma parte mais densa de mata. O pai de Muzamba segura a lança, porém a um segundo urro ele a abaixa.

PAI

- O leão sofre. Seu rugido pede ajuda.

MUZAMBA

(assustado)

- E nós vamos ajudá-lo?

PAI

- É nosso dever. Ele é um filho de Tilo, também. Ele nos caça quando tem fome, mas não é mau por causa disto

Os dois caminham um pouco para dentro da mata, até encontrarem um leão afundado pela metade em um poço de lama. Muzamba se encolhe atrás do pai, que aponta para uma árvore próxima.

PAI

- Suba naquela árvore, ela tem muito galhos e o leão não conseguirá subir. (sorrindo)
E deixe um espaço para mim!

Muzamba sobe na árvore e vê seu pai cortando galhos de várias árvores. Ele coloca alguns galhos compridos lado a lado e coloca outros galhos cruzando os primeiros. Por fim, amarra o conjunto com algumas trepadeiras. O trabalho é precário e muito rápido, porém o resultado final é efetivo: o pai de Muzamba coloca a esteira construída na margem do poço de lama e a empurra lama adentro para fazer uma ponte para o leão se apoiar. Quando o leão consegue se apoiar, o pai de Muzamba corre e sobe na árvore, de onde eles assistem juntos o leão sair da lama e andar até

³ Deus supremo na crença dos bantos, de acordo com os estudiosos W.M. Eiselen e I. Schapera. De acordo com estes mesmos estudiosos, os bantos nunca se dirigiam diretamente a este Deus, mas sim aos seus ancestrais, que eram base de todos os ritos religiosos e que serviam de intermediários até o criador.

debaixo da árvore. O leão passa algum tempo encarando os dois, em silêncio, e em seguida dá um rugido e sai andando calmamente para longe. Muzamba está assustadíssimo, com os olhos arregalados e suando muito.

PAI

- Ele estava com fome, mas nos poupou porque nós o salvamos. Seu rugido foi só um aviso de que nosso próximo encontro pode ser diferente.

MUZAMBA

- Então é melhor não encontramos mais ele, não é, papai?

PAI

(rindo)

- Claro, Muzamba. Ele está um pouco fora da sua região de caça, deve ter vindo aqui seguindo algum animal e acabou caindo neste poço. Não tem perigo, esta região normalmente não tem leões. Vamos embora?

MUZAMBA

- Mas já??

PAI

(descendo da árvore)

- O leão foi para lá, Muzamba, nós vamos para cá. Vamos!

Muzamba desce e eles retomam a caminhada, que se estende um pouco mais, até se aproximar de um grupo de antílopes que pastam. O pai faz um sinal de silêncio para o filho e aponta um antílope desgarrado, mais distante do grupo e um pouco mais próximo deles. Eles vergam seus arcos e as flechas saltam quase ao mesmo tempo, acertando o antílope, que ainda tenta fugir mas não consegue, caindo ao chão. Quando eles se aproximam, o antílope já está morto.

PAI

- Muito bom, Muzamba. Nosso irmão antílope não sofreu muito. Nossa família agora tem alimento para muitos dias. Vamos rezar pelo nosso irmão antílope e agradecer o sacrifício de sua vida para o nosso sustento.

O pai de Muzamba se aproxima do antílope e se agacha próximo a ele. Próximo à cabeça do animal, recita palavras ritualísticas de agradecimento, elevando seus braços ao céu ao fim da prece. Muzamba olha neste momento para o alto e vê um grande pássaro voando, após o que ele dá um sorriso e leva a mão ao colar que recebeu da feiticeira da aldeia.

MUZAMBA

- Pai, porque rezamos pelos animais mortos?

PAI

- Toda a vida é sagrada. Tilo ensinou a nossos ancestrais que viemos, homens e animais, do mesmo barro⁴. E entre os homens, mesmo que Ogum⁵ provoque a guerra, todos ainda somos de um só barro. Devemos agradecer a boa caça a nossos ancestrais e pedir a eles que falem com Tilo e peçam perdão por nós, que tiramos uma vida que ele criou. Rezamos ainda pelo animal, nosso irmão do barro, agradecendo a ele por dar a vida para que possamos nos alimentar.

MUZAMBA

(inseguro)

- Posso rezar também?

PAI

(sorrindo)

- Claro, filho. Enquanto isso vou cortar alguns galhos de árvores para fazermos um transporte para o antílope.

Muzamba se aproxima então do antílope e olha para sua cabeça, caída ao chão com os olhos abertos. Ele se abaixa e fecha os olhos do animal com sua mão.

MUZAMBA

- Obrigado, amigo antílope, pelo sustento que você nos oferece.

EXTERNA: MORRO PRÓXIMO À ALDEIA

Muzamba e seu pai carregam o antílope em uma espécie de maca, onde cada um segura um galho. Enquanto escalam o morro, Muzamba e seu pai sorriem e conversam, até que o pai de Muzamba subitamente se cala, olhando para frente. De trás do morro sobe uma grande coluna de fumaça. Ele larga o antílope e aponta a fumaça para Muzamba, e ambos correm para cima do morro.

EXTERNA: VISÃO DA ALDEIA EM CHAMAS, A PARTIR DE CIMA DO MORRO.

Muzamba e seu pai contemplam, aterrorizados, a sua aldeia em chamas, com o som de gritos vindo de diversas partes e a visão de vários corpos largados ao chão. Eles vão em direção da aldeia e começam a correr entre as casas em chamas, se abaixando eventualmente e verificando que várias pessoas, principalmente velhos, estão mortos. Muzamba vê o corpo da feiticeira entre apetrechos de magia (máscaras, raízes e potes de barro) espalhados e quebrados pelo chão. Ele fica parado, em choque, e é acordado pelo seu pai, que o sacode pelo ombro.

⁴ Na real crença dos bantos, a forma de criação (barro, água, etc), é indefinida.

⁵ Na verdade, os bantos acreditavam que Tilo (Deus) era responsável também por todas as desgraças, inclusive as guerras. Foi tomada a liberdade aqui de se usar o “deus da guerra” da Umbanda, Ogum, uma vez que a atual religião deriva da crença de vários povos africanos, principalmente bantos e sudaneses.

PAI

- Muzamba, precisamos descobrir o que está acontecendo. Rápido, deve haver alguém que precisa de nossa ajuda.

Eles continuam correndo pelos caminhos da aldeia até se depararem, após uma das maiores casas da aldeia, com um grupo de escravistas portugueses, que mantêm várias pessoas presas por correntes e algemas, enquanto as chicoteiam e apontam para uma certa direção, forçando a coluna a andar, trôpega. Algumas das pessoas estão feridas e mancando, outras sangram na cabeça e nos braços. O pai de Muzamba não se contém, dá um grito de guerra e avança em direção aos escravistas, brandindo sua lança e atravessando o português que estava mais próximo. Um tiro explode e o atinge no peito, sendo que ele cai morto instantaneamente. Muzamba se desespera e corre para o pai, chorando, o abraça e o sacode.

MUZAMBA

- Pai!! Pai!! Pai!!

PORTUGUÊS 1

- Cristiano está morto! Negro desgraçado!!

Ele se aproxima de Muzamba, puxando a espada e pronto para matá-lo. Sua mão, contudo, é contida por um outro português (o capitão do navio negreiro), mais ricamente vestido.

CAPITÃO

- ANTÔNIO, não! Ele vale mais para nós vivo. Cave uma cova para Cristiano e vamos embora, temos uma carga para ser entregue.

A um sinal do capitão dois homens agarram Muzamba, que grita e chora enquanto eles colocam algemas e correntes e o posicionam no fim da triste fila de escravos. Ao ser colocado na fila, suas forças parecem fugir, e tudo o que ele faz é ficar chorando, desconsolado, até ser açoitado e ser forçado a andar, acompanhando a fila que se desloca savana à dentro, e continuam caminhando e caminhando por dois dias.

EXTERNA: PRAIA COM NAVIO ANCORADO

Muzamba e os outros de sua tribo vão chegando, cansados, feridos e vacilantes, amarrados na sombria fila. Toda vez que algum negro cai é açoitado até que fique de pé, e a cambaleante coluna é separada em grupos que entram nos escaleres para serem levados ao navio escravagista. Muzamba segue com o último grupo, vendo a praia se distanciando, e sendo açoitado para subir no navio pela escada de cordas. Ao subir no navio, a última coisa que ele vê antes de ser jogado ao porão é o pássaro que ele vira na planície, sobrevoando o barco.

INTERNA: PORÃO DO NAVIO

Jogado ao porão, de seu ponto de vista podemos ver o porão: negros de várias tribos, amontoados, quase sem espaço para se mover. Todos de cabeça baixa, tristes: guerreiros feridos, mulheres com seus filhos de colo, meninos e meninas. Olhando para cima, é possível ver o céu azul pelo quadriculado da grade que separa o porão do convés, e vozes dos portugueses, gritando para soltar velas, levantar âncora, recolher os escaleres podem ser ouvidas. De repente, um dos negros começa a cantar uma canção de pura tristeza, com todo o “banzo” que só os negros podiam sentir. Pouco a pouco, outras vozes se unem no canto ritual, até que quase todos os negros estão cantando. Muzamba se vira para o negro ao seu lado:

MUZAMBA

- Mas esta é a canção dos mortos! Porque cantam a canção dos mortos?

NEGRO

(abaixando a cabeça com tristeza)

- Nossa tribo está morta. Nossos irmãos estão mortos. Nós estamos mortos.

Muzamba olha para o céu pelos furos da grade e começa a cantar também. O navio começa a balançar mais, e as nuvens no céu vão ficando para trás, indicando que o navio partira. Muzamba começa também a cantar.

EXTERNA: NAVIO SINGRANDO OS MARES

Esta cena mostra o navio de vários ângulos: a espuma na quilha, os marinheiros gritando ordens e puxando cordas, o timão sendo rodado, o mapa-mundi sendo medido e a rota sendo calculada com sextantes e compassos. Em contraste, cenas dos marinheiros entrando no porão fétido e tirando os corpos daqueles que morreram e os jogando ao mar, jogando comida em grandes barris que são despejados, como lavagem para porcos, e os negros ávidos buscando qualquer alimento, cenas de dor e sofrimento. Enquanto estas cenas se sucedem, os seguintes trechos do poema Navio Negreiro, de Castro Alves, são recitados com a voz de Nelson, o arqueólogo:

NELSON

“ 'Stamos em pleno mar... Doudo no espaço
Brinca o luar — dourada borboleta;
E as vagas após ele correm... cansam
Como turba de infantes inquieta.

'Stamos em pleno mar. . . Abrindo as velas
Ao quente arfar das virações marinhas,
Veleiro brigue corre à flor dos mares,
Como roçam na vaga as andorinhas...

Desce do espaço imenso, ó águia do oceano!
Desce mais ... inda mais... não pode olhar humano
Como o teu mergulhar no brigue voador!

Mas que vejo eu aí... Que quadro d'amarguras!
É canto funeral! ... Que tétricas figuras! ...
Que cena infame e vil... Meu Deus! Meu Deus! Que horror!

Era um sonho dantesco... o tombadilho
Que das luzernas avermelha o brilho.
Em sangue a se banhar.
Tinir de ferros... estalar de açoite...
Legiões de homens negros como a noite,
Horrendos a dançar...

Negras mulheres, suspendendo às tetas
Magras crianças, cujas bocas pretas
Rega o sangue das mães:
Outras moças, mas nuas e espantadas,
No turbilhão de espectros arrastadas,
Em ânsia e mágoa vãs!

Presas nos elos de uma só cadeia,
A multidão faminta cambaleia,
E chora e dança ali!
Um de raiva delira, outro enlouquece,
Outro, que martírios embrutece,
Cantando, geme e ri!

No entanto o capitão manda a manobra,
E após fitando o céu que se desdobra,
Tão puro sobre o mar,
Diz do fumo entre os densos nevoeiros:
"Vibrai rijo o chicote, marinheiros!
Fazei-os mais dançar!..."

Quem são estes desgraçados
Que não encontram em vós
Mais que o rir calmo da turba
Que excita a fúria do algoz?
Quem são? Se a estrela se cala,
Se a vaga à pressa resvala
Como um cúmplice fugaz,
Perante a noite confusa...
Dize-o tu, severa Musa,
Musa libérrima, audaz!...

São os filhos do deserto,
Onde a terra esposa a luz.
Onde vive em campo aberto
A tribo dos homens nus...
São os guerreiros ousados
Que com os tigres mosqueados

Combatem na solidão.
Ontem simples, fortes, bravos.
Hoje míseros escravos,
Sem luz, sem ar, sem razão. . .

Ontem a Serra Leoa,
A guerra, a caça ao leão,
O sono dormido à toa
Sob as tendas d'amplidão!
Hoje... o porão negro, fundo,
Infecto, apertado, imundo,
Tendo a peste por jaguar...
E o sono sempre cortado
Pelo arranco de um finado,
E o baque de um corpo ao mar...

Senhor Deus dos desgraçados!
Dizei-me vós, Senhor Deus,
Se eu deliro... ou se é verdade
Tanto horror perante os céus?!...
Ó mar, por que não apagas
Co'a esponja de tuas vagas
Do teu manto este borrão?
Astros! noites! tempestades!
Rolai das imensidades!
Varrei os mares, tufão! ... “

INTERNA: PORÃO DO NAVIO

Quando os últimos versos do poema são declamados, a imagem se fixa nos pulsos de Muzamba, presos aos grilhões de ferro bruto. A imagem se modifica, mantendo os mesmos grilhões, porém sumindo as mãos de Muzamba e aparecendo as mãos do arqueólogo Nelson, segurando os grilhões e os analisando. A imagem está concentrada nas mãos de Nelson, porém ainda é possível ouvir os últimos versos declamados por sua voz.

INTERNA: INTERIOR DE UMA CABANA NO QUILOMBO DESCOBERTO NA FLORESTA PELOS ARQUEÓLOGOS - TEMPO ATUAL

Nelson está no interior da cabana, olhando os grilhões e terminando de declamar os versos, quando Ricardo entra pela porta.

RICARDO

- Nelson, você estava falando alguma coisa? Tinha alguém aqui com você?

NELSON

- Eu estava só lembrando alguns trechos do poema “Navio Negreiro”, de Castro Alves. Conhece? É um poema bastante profundo, ainda mais considerando que ele só tinha 22 anos quando o escreveu...

RICARDO

(com uma ligeira expressão de perturbação no rosto)

- É, já li alguma vez, mas não me lembro. Mas não foi isso que ouvi...

NELSON

- O que exatamente você acha que ouviu?

RICARDO

- Nada não, é besteira. Acho que fiquei impressionado com o lugar.

NELSON

- O que você acha que ouviu, afinal?

RICARDO

- Não sei... Parecia um canto triste, um canto fúnebre com várias vozes. E um ritmo ao fundo, parecia o mar... Você não está com algum rádio ligado por aí?

NELSON

- Que rádio, Ricardo? Não trouxemos rádio nenhum!

RICARDO

(fazendo um sinal de descaso com as mãos e sorrindo)

- É, deve ser minha imaginação. É besteira, esquece.

NELSON

(também sorrindo)

- Você está precisando é de umas férias! Depois daquela última escavação de que participamos, você nunca mais foi o mesmo!

RICARDO

- Também, dois meses dormindo em cima daquele chão de cascalho e não achamos nem um osso de galinha! Que roubada!

NELSON

(rindo)

- Tá certo! Pelo menos aqui não precisaremos cavar nada. E se fizermos nosso trabalho por aqui direito, vão liberar uma verba tão grande para nossa equipe que a nossa próxima visita para cá vai ser de helicóptero.

RICARDO

- Deus te ouça! Não agüento mais andar no meio do mato!

Ricardo se retira da cabana, deixando Nelson a sós com seus pensamentos, a fitar os grilhões que está segurando. A imagem vai se aproximando do grilhão enquanto Nelson recita mais um verso do “Navio Negreiro”:

NELSON

“Ontem plena liberdade,
A vontade por poder...
Hoje... cúm'lo de maldade,

Nem são livres p'ra morrer. .
Prende-os a mesma corrente
— Férrea, lúgubre serpente —
Nas roscas da escravidão.
E assim zombando da morte,
Dança a lúgubre coorte
Ao som do açoute... Irrisão!... “

EXTERNA: MERCADO DE ESCRAVOS NO SÉCULO XVII

A imagem do grilhão nas mãos de Nelson é substituída pela imagem do mesmo grilhão, novamente prendendo as mãos de Muzamba. Ele se encontra em um mercado de escravos, sobre um tapume onde o vendedor apregoa suas qualidades e diversos compradores analisam os escravos em exposição. O vendedor puxa a moça ao lado de Muzamba, que está vestida apenas com uma saia de pano grosseiro e sem cor, mais para a frente e começa a falar, enquanto várias pessoas se aglomeram à frente do palanque, conversando entre si e por vezes com o vendedor, incitando-o a ir mais rápido.

VENDEDOR

- Olhem só esta mulata, que beleza, olhem os seus seios rígidos. Além de ser jovem e forte, podendo gerar mais escravos, ainda pode oferecer longas noites de prazer para quem a comprar!

A multidão assovia e começa a falar mais alto, e a jovem baixa a cabeça e começa a chorar. Um ou outro homem na multidão se cala, o rosto constrangido pelo choro da moça, quase criança.

VENDEDOR

(baixo, para a moça, enquanto a cutuca)

- Não chora que baixa o preço!

(alto para a multidão)

- E então, quem vai querer? São apenas 200 escudos, e os grilhões vão de graça.

COMPRADOR

- Ela fala português?

VENDEDOR

- Meu amigo, estes aqui são legítimos Bantos, que acabaram de chegar da África. A única língua que eles conhecem é a do chicote!

O comprador sobe ao palanque e olha para a moça. Segura seu rosto e examina os dentes, arregaçando sua boca com os dedos. Dá uma volta por ela e se vira para o vendedor.

COMPRADOR

- Ela está meio abatida, e é muito magra. 150 escudos e eu a levo.

VENDEDOR

- 150? 150? Você quer fechar o meu negócio? O melhor que eu posso fazer por você é vendê-la por 180.

COMPRADOR

- Não vale mais que 160. Mais que isso não pago.

VENDEDOR

- Vamos fechar em 170 escudos?

COMPRADOR

- 160 ou nada feito.

VENDEDOR

- Está certo, seu rato. Pode levar. Ele é meio magrinha, mesmo.

O comprador saca um monte de notas e repassa algumas para o vendedor, pega a moça pelos grilhões e a arrasta para fora do palanque. A moça resiste, chora e grita, mas é arrastada pelo homem que segura a corrente à qual ela esta presa. O vendedor vira-se para Muzamba e o puxa para frente, cochichando para ele com um sorriso.

VENDEDOR

- Veja se estufa este peito para parecer mais fortinho.

MUZAMBA

- Komana badaja.

VENDEDOR

(ainda rindo)

- Tá certo, tá certo. Vamos ver quanto você me rende.

Neste momento, a multidão se abre para dar passagem a um grupo de homens, liderado por um fazendeiro bem vestido. Atrás dele, seguem três feitores, mal encarados, todos com botas e coletes de couro sobre roupas grosseiras, usando chapéus e com chicotes de três pontas presos à cintura.

VENDEDOR

- Senhor Comendador! Quanta honra de recebê-lo por aqui! Embora suas plantações sejam as melhores e mais bem cuidadas, tenho certeza que tenho alguns escravos que podem ajudar a torná-la ainda melhor!

COMENDADOR

(sem paciência)

- Poupe-me de suas bajulações, vim aqui para fazer negócios. Preciso de 20 escravos para a lavoura. Qual é o seu preço.

VENDEDOR

- Para o senhor, que é meu cliente fiel, desta vez posso dar um desconto especial, apesar de meus custos estarem cada vez mais altos: 250 escudos, qualquer escravo que o senhor desejar.

COMENDADOR

(visivelmente perturbado)

- Pago 180 escudos, sua cobra velha. E fique feliz por eu não mandar açoitá-lo por cobrar tão caro!

VENDEDOR

(fazendo reverências, com olhar de medo)

- Mil perdões, meu senhor. Pode levar quantos quiser, 180 escudos cada um. O preço que peço é devido aos riscos de navegar por estas águas cheias de corsários britânicos.

O comendador faz um gesto de descaso com a mão, para que o vendedor se cale, e atira para ele um pequena sacola onde está o dinheiro. O vendedor sorri e continua com suas reverências, enquanto o comendador faz um gesto para que um dos feitores suba ao palanque. O feitor começa a selecionar os escravos e empurrá-los escada abaixo, onde os outros dois feitores vão amarrando os grilhões com cordas de forma a prender todos os escravos em uma coluna. Após escolher alguns, ele começa a examinar Muzamba, batendo em suas pernas, costas e, na seqüência, arregaçando sua boca com os dedos para examinar os dentes e gengivas. O olhar de Muzamba passa de abatido para raivoso e ele tenta morder os dedos do feitor, e tira a mão na hora e dá um soco em seu queixo, derrubando-o.

VENDEDOR

- Ei, se não vai levar, não estrague a mercadoria. Se for levar, deixe para bater nele quando for seu.

FEITOR

(com um sorriso maldoso)

- Vou levar este, sim. Gosto de domar estes mais ferozes.

Ele empurra Muzamba pela escada, onde ele é acolhido pelos outros feitores e preso à coluna de escravos. Mais alguns escravos escolhidos, e eles começam a caminhar, já chicoteados pelos feitores. Muzamba olha para o porto e vê o navio que o trouxe ao Brasil, e divisa sobre um dos mastros o pássaro que ele havia avistado e que o acompanhava desde a aldeia. Ele baixa os olhos e chora, porém é forçado a andar mais rápido pelo chicote que estala em suas costas.

EXTERNA: CASA GRANDE DE FAZENDA

De cima, é possível ver a casa grande e a plantação de cana-de-açúcar ao fundo. Os negros recém chegados estão em fila, lado a lado, enquanto alguns negros da fazenda voltam dos campos, guiados por seus feitores. O chefe dos feitores grita para os negros recém-chegados, enquanto uma jovem senhorita se aproxima, com roupas elegantes e uma sombrinha aberta para protegê-la do sol da tarde.

FEITOR (ANCELMO)

- Nós sabemos que sua raça é preguiçosa e vagabunda, que vocês não valem a comida que comem! Pois aqui, para comer vocês vão ter que merecer, quem não trabalhar não come.

SINHAZINHA

- Ancelmo, porque você fica gritando com eles, se você sabe que eles não falam português? Não está gastando energia à toa?

ANCELMO

(tirando o chapéu ao ver a sinhazinha (ISABELA))

- De jeito e maneira, dona Isabela. Eles podem não entender o que eu falo, mas eles compreendem direitinho o que eu quero dizer.

ISABELA

(rindo)

- Agora você não está falando coisa com coisa.

ANCELMO

- Pois eu digo que a minha língua e a língua do chicote eles entendem. Veja só.

Ancelmo joga o seu chapéu no chão e grita para o primeiro negro da fila

ANCELMO

- PEGUE!

O negro não se move, com cara de quem não entendeu. Ancelmo aponta para o chapéu e repete a ordem, mais alto. O negro ainda não se mexe. Ancelmo chicoteia o negro, ao que a sinhazinha fecha os olhos e vira o rosto, mostrando desaprovação, repetindo mais uma vez a ordem e apontando para o chapéu. O negro se abaixa, pega o chapéu e entrega para ele.

ANCELMO

- Não falei, sinhazinha? Tudo o que eles precisam é de um pouco de estímulo!

ISABELA

- Ancelmo, Ancelmo. Quando você vai aprender que não precisa disto?

Isabela fecha sua sombrinha, a joga no chão gramado e fala com outro negro:

ISABELA

- Pegue para mim, por favor?

O negro não se move, apenas olha para os lados com ar de medo. Isabela olha para ele, com bastante calma, e abre grande um sorriso.

ISABELA

- Não precisa ficar com medo. Pegue para mim, por favor.

O negro parece se tranquilizar com seu sorriso, também sorri para ela e abaixa e pega a sombrinha, entregando à moça.

ISABELA

- Viu, Ancelmo. É só pedir com jeito.

Os outros feitores riem de Ancelmo, que fecha a cara.

ANCELMO

- Você não conhece esta gente, dona Isabela. Se eu começo a pedir com jeito, daqui a pouco vou ter que levar a comida para eles na cama e trabalhar no lugar deles. Este povo só se trata no chicote!

SINHAZINHA

(séria)

- Bom, você é quem sabe. Desculpe te atrapalhar.

A sinhazinha se afasta, enquanto Ancelmo se volta para os negros e continua a gritar ordens. Vai falando e encarando cada um dos negros, que vão abaixando a cabeça quando ele grita. Ele grita que acabaram os dias de preguiça, que eles vão plantar e colher a cana, e, se ele mandar, fazer o engenho rodar junto com os jumentos, etc, etc. Ele passa pelos cinco primeiros negros, cada um baixando a cabeça quando ele fica parado à sua frente, uns com medo, rapidamente, outros com rancor no olhar. O sexto da fila é Muzamba, que está olhando para cima. O feitor se cala e olha na direção que Muzamba está olhando, e vê um falcão (o pássaro que segue Muzamba desde a África, que circula sobre eles e acaba por pousar no teto da casa grande. Quando o feitor se vira para Muzamba, ele está sorrindo, ainda olhando para o gavião. O feitor então puxa seu chicote do cinto e chicoteia Muzamba, que se curva de dor e quase cai ao chão.

ANCELMO

- Preste atenção, seu negro, quando estou falando. Eu falo, vocês escutam. Eu mando, vocês obedecem.

Muzamba passa a mão pelo lado do corpo, na altura das costelas, e pára para ver o sangue em seus dedos. Ele olha mais uma vez para o pássaro, tranqüilo sobre a casa, se empertiga e encara de frente o feitor, com o queixo erguido e orgulho em sua voz.

MUZAMBA

- Muzamba moholo oa BaSotho.

ANCELMO

- Estou reconhecendo você, seu negrozinho. Você foi aquele que quis me morder, lá no mercado, não foi?

Muzamba fica quieto, sustentando o olhar.

ANCELMO

- De joelhos, negro! De joelhos. Você vai aprender a me respeitar.

Ancelmo aperta sua mão sobre o ombro de Muzamba, para forçá-lo a se ajoelhar. Muzamba se abaixa um pouco ante a força do feitor, mas mantém a expressão orgulhosa e o olhar fixo nos olhos do feitor. O feitor faz mais força, Muzamba resiste, até que o feitor pega o chicote com a mão esquerda e aplica o látigo no flanco de Muzamba. Muzamba contrai o rosto de dor, leva uma segunda chicotada, uma terceira, uma quarta, até que finalmente fraqueja e cai de joelhos, porém mantém a cabeça erguida. O feitor fica em pé na sua frente, suando e arquejando pelo esforço. Depois resmunga.

ANCELMO

- Maldita hora em que botei na cabeça de trazer você para cá...

De repente, ele pára, começa a sorrir porém esconde o sorriso com a mão. Depois se volta para os outros feitores.

ANCELMO

- Muito bem, acabou a festa! Coloquem estes negros para dormir, porque amanhã vamos precisar deles descansados para trabalhar melhor. Vamos, vamos!

Ele aponta a direção da senzala para os negros, grita e os outros feitores começam a chicotear um e outro para forçá-los a andar. Os negros vão andando, e um outro feitor (JUAREZ), de feições rudes, de aproxima de Ancelmo.

JUAREZ

- O que foi isso, Ancelmo? Você começou a rir na frente do negro, quando ele estava te desafiando! Assim você perde a moral com esta racinha!

ANCELMO

- Eu sei, por isso segurei e mandei eles embora. Sabe o que é, Juarez? Eu olhei nos olhos daquele negro e vi a mesma teimosia, a mesma força que eu tinha nos olhos na idade dele. Se ele não fosse negro, eu até colocava ele para trabalhar de feitor.

JUAREZ

- Eu, heim, Ancelmo! Que coisa de se falar, homem! Parece até que você gosta destes negros!

ANCELMO

- Eu faço o meu trabalho, Juarez. Se para o meu trabalho eu não posso gostar deles, eu não gosto. Mas isso não vai me impedir de reconhecer um Homem de verdade quando eu vejo um.

Juarez dá um resmungo, faz um gesto de descaso com a mão e sai atrás dos negros que vão em direção à senzala. Fica claro que seu preconceito em relação aos negros é muito maior que o de Ancelmo. Ancelmo olha para ele com um olhar desconfiado, balança a cabeça negativamente e sai caminhando na direção da cozinha da casa grande.

INTERNA: COZINHA DA CASA GRANDE

Uma cozinheira negra e gorda, com um lenço nos cabelos, mexe em panelões com uma grande colher de pau.

ANCELMO

(sério, quase amargo)

- Joga água nesse feijão, Maria, que tem mais vinte negros aí para comer. Preciso deles de pé amanhã para capinar aquele terreno lá perto da serra.

Ele pega um prato, enche com a mistura que a negra está preparando, se joga no banco de madeira à beira da mesa, e começa a comer com a mão. Funga e enxuga o nariz com a manga da camisa. Anselmo resmunga, falando baixo.

ANCELMO

- Negros nojentos!...

MARIA

- O *sinhô* falou *alguma* coisa?

ANCELMO

- Nada, Maria, Nada. Vai fazer a comida!

MARIA

- Sim, *sinhô*...

EXTERNA: QUATRO ANOS DEPOIS, EM UMA PLANTAÇÃO ONDE NEGROS COLHEM CANA

A visão é das costas de um negro, vistas bem de perto. As costas estão cobertas de cicatrizes, cicatrizes em cima de cicatrizes, a ponto de quase não se ver nenhum ponto da pele que tenha sido poupado. A visão aos poucos se afasta de forma a permitir ver o rosto e o corpo do negro (Muzamba), vestindo uma calça de tecido grosseiro e de cor clara, e um chapéu de palha com as pontas destrançadas. Ele tira o chapéu, enxuga o suor da testa com as costas da mão e olha para o céu. Seu pássaro está lá, voando, de forma que Muzamba sorri, coloca o chapéu de volta e recomeça a cortar a cana. O feitor Anselmo passa ao seu lado, colocando a mão no chicote como ameaça. O sorriso de Muzamba desaparece, substituído por uma expressão de respeito e medo.

ANCELMO

- E aí, negro? Sonhando acordado de novo? Preciso te acordar?

MUZAMBA

- Não *sinhô*, não *sinhô*. Só parei um tiquinho para *mode arrespirar*, já estou *trabaiando*.

ANCELMO

- Estou de olho em você, heim? Não vai me aprontar mais uma que meu braço já está cansado de pegar no chicote!